

## Observações sobre os estudos linguísticos em perspectivas sociointeracionais no Brasil: uma conversa com Anna Christina Bentes /

### *Observations sur les études linguistiques dans les perspectives socio-interactionnelles au Brésil : une conversation avec Anna Christina Bentes*

*Herbertt Neves<sup>1</sup>*

Professor da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, Brasil. Doutor em Linguística pela UFPE.

 <https://orcid.org/0000-0002-4454-2755>

*Otávia Pinheiro Pedrosa Fernandes<sup>2</sup>*

Professora da Universidade Federal de Pernambuco. Doutora em Linguística pela UFPE.

 <https://orcid.org/0000-0003-4392-0002>

*Carlos Roberto Gonçalves da Silva<sup>3</sup>*

Mestrando em Linguagem e Ensino, pela Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, Brasil. Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela UFCG.

 <https://orcid.org/0000-0001-7129-9730>

*David Naamã Melo de Figueiredo<sup>4</sup>*

Graduando em Letras, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, PB, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-2381-172>

**Recebido em:** 20 set. 2022. **Aprovado em:** 28 set. 2022.

#### **Como citar esta entrevista:**

NEVES, Herbertt. FERNANDES, Otávia Pinheiro Pedrosa. SILVA, Carlos Roberto Gonçalves da. FIGUEIREDO, David Naamã Melo de. Observações sobre os estudos linguísticos em perspectivas sociointeracionais no Brasil: uma conversa com Anna Christina Bentes. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 3, p. 450-459, set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8174700>

1

 [herbertt\\_port@hotmail.com](mailto:herbertt_port@hotmail.com)

2

 [otavia.ppedrosa@ufpe.br](mailto:otavia.ppedrosa@ufpe.br)

3

 [borges.carlosroberto9@gmail.com](mailto:borges.carlosroberto9@gmail.com)

4

 [david.naama@estudante.ufcg.edu.br](mailto:david.naama@estudante.ufcg.edu.br)

Anna Christina Bentes da Silva, linguista e professora brasileira, é uma referência nacional para os estudos linguísticos em razão de suas notórias contribuições, mediante trabalhos desenvolvidos, principalmente, nas áreas da Linguística Textual e da Sociolinguística, abordando a língua e a linguagem à luz de pressupostos teóricos da prática social. Em relação à formação acadêmica, ela é graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 1986), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 1992) e doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2000). Além disso, tem pós-doutorado pelo Departamento de Antropologia da Universidade da Califórnia (Berkeley, UCB, 2006). Foi *visiting scholar* da Universidade do Colorado, Boulder, em 2020.

Anna Bentes tem um longo histórico de atuação no Ensino Superior, ministrando diversas disciplinas e coordenando programas de pesquisa, extensão e docência em diversas universidades brasileiras, como a UFPA e a UEPG. Integra, desde 2001, o corpo docente da UNICAMP, onde também se dedica a inúmeras atividades acadêmicas, a exemplo da ministração de aulas no nível tanto da Graduação quanto da Pós-Graduação e da coordenação de núcleos de estudos e de centros e grupos de pesquisa, tendo estado à frente do Programa de Iniciação à Docência (PIBID) no período de 2014 a 2018.

No ramo científico, coordenou, durante dois biênios, o GT de Linguística de Texto e Análise da Conversação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Além de ter uma produção bibliográfica extensa, atuou como pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Ademais, desde 2010, é parecerista da CAPES, da FAPESP e do CNPq. Na área editorial, é integrante do corpo editorial de notáveis e diversos periódicos (inter)nacionais.

Quanto às publicações, é possível destacar sua autoria no segundo volume do livro didático *Linguagem: práticas de leitura e escrita* e sua coautoria na obra *Intertextualidade: diálogos possíveis*. Bentes, ainda, organizou diversas obras com outras colegas, a saber: os três volumes da coleção *Introdução à Linguística* e as obras *Referenciação e Discurso* e *Linguística Textual e Análise da Conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. Também participou da organização e da tradução da obra *Língua como prática social: sobre as relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*, de William Hanks.

As informações supracitadas são oriundas do Currículo Lattes da professora<sup>5</sup>, e a entrevista foi realizada no dia 19 de setembro de 2022, por meio do *Google Meet*.

**Entrevistadores:** Em muitas pesquisas de natureza bastante diversificada, vemos evocada a noção de interação, em especial, no caso dos estudos linguísticos, da interação verbal. O que une, então, essas pesquisas? Qual seria, para a senhora, um entendimento mais geral da noção de interação verbal?

**Anna Bentes:** Quero agradecer, em primeiro lugar, a proposição da entrevista comigo sobre um tema que é tão caro aos estudos textuais e sociolinguísticos, que são as duas áreas em que eu atuo.

A professora Edwiges Morato, em seu texto sobre o Interacionismo na Linguística, presente no volume 3 da coleção *Introdução à Linguística*, obra que organizei com a professora Fernanda Mussalim, vai chamar atenção para um enunciado que eu acho muito bacana: *toda ação humana deriva de interação* — um postulado muito geral e importante de a gente levar em consideração. Antes de falarmos de interação verbal, é importante nós falarmos da noção de interação, porque ela nos coloca frente a frente com o caráter social da linguagem. Quando você fala em interação verbal, está trazendo, para dentro dos estudos linguísticos, esse caráter social que foi deixado de fora – os chamados fenômenos de caráter heteróclito da linguagem, postulados por Saussure. Esse caráter social é constitutivo da relação entre a linguagem e sua exterioridade. Logo, a noção de interação vai colocar, no centro da discussão, o problema do exterior à linguagem. Ela [a linguagem] vai precisar ser percebida a partir do entendimento dessa noção de interação, de modo que não podemos esquecer que, quando falamos de interação verbal, estamos falando de interação, que, por sua vez, vai poder se estabelecer entre interlocutores, semioses coocorrentes, discursos, linguagens.

De uma forma muito geral, interação quer dizer influência recíproca. Hoje, a noção de interação verbal ainda se constitui numa espécie de dificuldade para nós. A noção de interação (mais geral) custou a ser incorporada aos estudos linguísticos porque, considerando os cortes produzidos pelos estudos saussurianos, temos essa dificuldade de incorporar a exterioridade da linguagem a ela mesma e, conseqüentemente, aos nossos estudos. Então, acho que falar de

---

<sup>5</sup> <http://lattes.cnpq.br/0176535361701386>

interação é falar sempre da qualidade das relações entre interlocutores, entre discursos e/ou semioses.

Gumperz diz que, para sustentarmos o desenvolvimento conversacional e interacional, necessitamos de uma série de conhecimentos e habilidades. Desse modo, são variados os contextos, as práticas e as situações em que a interação verbal vai se transformar no centro, e não apenas no lócus, dos estudos sobre a linguagem verbal, afinal também podemos estudar como a interação, de fato, vai constituir essa linguagem verbal. A interação verbal, então, pressupõe (inter)ação e relação social. Como estudiosa, gosto de sempre de considerar a interação, seja conflituosa, seja cooperativa, a partir de uma visada sobre as relações de poder que ela pressupõe e institui.

Por fim, acredito que precisamos nos lembrar de Bakhtin, quando ele fala que a interação é a realidade fundamental da linguagem, ou seja, não enunciemos se não estamos em interação, e, por isso, a sua concepção de língua é outra e passa a ter um impacto enorme sobre os estudos linguísticos: a língua é um modo de agir sobre o outro, pois ela não é só signo, é também ação. Assim, a noção de interação verbal vai estar sempre pressuposta nas nossas discussões e sendo lembrada nesses termos, porque é fundamental pensar a interação verbal estabelecendo relações sociais entre os interactantes e os discursos.

**Entrevistadores:** O dossiê que ora organizamos propõe-se a abarcar os estudos linguísticos a partir de perspectivas sociointeracionais. No Brasil, quais seriam as principais teorias, dentro da Linguística, que poderiam se enquadrar nesse enfoque?

**Anna Bentes:** Eu organizei aqueles livros de introdução à linguística [com a professora Fernanda Mussalim] e diria que todas as áreas do conhecimento, organizadas naqueles volumes 1 e 2, num certo sentido, não podem prescindir da noção de interação. Falando de áreas da linguística, e não de teorias, acho que nenhuma delas pode prescindir dessa noção, tanto que existem subdesenvolvimentos. No caso da semântica, por exemplo, temos a centralidade, nas diversas semânticas contextualistas, da noção de interação, que vai estar na base de uma semântica enunciativa, argumentativa, sociocognitiva, etc., dado que cada área dos estudos linguísticos pode apresentar diferentes teorias.

Por isso, acredito que todas as áreas da linguística desenvolvidas, sejam elas mais ou menos interfaceadas, vão pressupor ou vão ser mais fortemente constituídas pela noção de interação verbal. Claro, há áreas que são mais casadas com a noção de interação, e, às vezes, isso dependerá da história de determinada teoria, como ocorreu com as teorias do texto, em que

a entrada dessa noção, de maneira mais constitutiva, aconteceu posteriormente, e como ocorreu com a sociolinguística, em que a entrada da noção de interação aconteceu mais cedo na história da área. Essa noção tem impactos não apenas em relação ao objeto a ser estudado, mas também sua consideração promove inovações teórico-metodológicas desenvolvidas, por exemplo, pela etnometodologia e pela da análise da conversa. Um outro exemplo foi o importante desenvolvimento de uma teoria sociointeracionista da aquisição da linguagem, com a professora Cláudia de Lemos, uma inovação brasileira e de impacto internacional nessa área.

As várias áreas e teorias da linguagem tiveram e têm uma grande influência do conceito de interação verbal. Não há, portanto, grandes novidades, mas há uma continuidade, na minha opinião, de uma incorporação muito forte dessa noção aos estudos linguísticos das várias correntes. É interessante pensar que a própria noção de interação deriva teorias, que vão se diferenciando ao longo do tempo, tendo interfaces e se colocando numa relação com teorias de outras naturezas. No caso da Linguística, tivemos sempre muita influência da psicologia (nossa noção de falante tem forte influência dessa perspectiva), sendo que a noção de interação desloca um pouco nosso entendimento, e passamos a falar do interactante, e não apenas do falante. Então, existem as teorias interacionistas, que são diferentes entre si, mas que podem dialogar com várias outras teorias, sempre que fizermos isso com parcimônia.

Um outro exemplo é a linguística antropológica, campo em que as pessoas vão teorizar sobre a interação social e sobre a interação verbal de diversas formas. Há, portanto, influência do conceito de interação e do arcabouço epistemológico bakhtiniano em muitas áreas da Linguística, de forma que foi possível, ao longo do tempo, se reelaborar a visão de língua e a de discurso.

**Entrevistadores:** A respeito das tendências teóricas e de pesquisa internacional, o que se tem produzido em perspectiva sociointeracional? Quais estudos a senhora destacaria?

**Anna Bentes:** Eu diria que uma tradição importante é a da Escola de Genebra e que também é muito importante pensar que são autores que dialogam com a academia brasileira, como, por exemplo, o Joaquim Dolz. Então, considero esse diálogo muito interessante, pois influenciou bastante o modo de se compreender, por exemplo, o ensino de língua materna, mesmo isso tendo sido feito no contexto social brasileiro, totalmente diferente do contexto social genebrino. Nesse diálogo, sob constante atualização, conseguimos reler e recontextualizar as obras de nossos interlocutores internacionais.

Ao longo do tempo, também, diria que as teorizações bakhtinianas foram, no Brasil e na relação com autores de vários países, muito importantes para os estudos do texto e do discurso,

haja vista o desenvolvimento da Análise Dialógica do Discurso, por exemplo. Acredito que (re)lemos tanto Bakhtin, que criamos uma teorização a partir desse grande movimento de (re)leitura e, então, estamos realmente no meio disso, na interação com estudos internacionais.

No campo do estudo do texto, especificamente, os impactos de uma psicologia social de base interacionista também foram muito fortes no Brasil, tanto que foi criada uma teoria do texto de base sociointeracionista e sociocognitiva. Foram articulações importantes a partir do desenvolvimento de um diálogo com vários autores internacionais, como van Dijk, que coloca, no centro de parte de seus estudos, as relações entre discurso e interação.

Eu diria que existem vários outros diálogos que a gente estabelece em termos internacionais, mas acho que, no campo da Linguística Aplicada, especialmente no campo do ensino de línguas adicionais, isso é bastante forte. Ainda em diálogo com a escola de Genebra, o professor Sandoval Nonato Gomes-Santos, da USP, desenvolve uma série de estudos sobre interação em sala de aula, além, é claro, de muitos outros colegas que se inserem nessa agenda atual dos estudos internacionais. Ou seja, há um diálogo muito forte com as tradições internacionais de estudos de interação social e os estudos desenvolvidos no Brasil.

Na análise do discurso francesa, há a discussão sobre o jogo de imagens — uma discussão de caráter inferencial e que dialoga com as postulações de Gumperz, porque você produz essas inferências sobre quem o outro é, quem você é, etc. Tudo isso está na agenda dos estudos das diferentes áreas, e, desse modo, sempre tem gente estudando coisas *up to date*, no Brasil, dialogando com várias tradições, sempre considerando o nosso contexto social. Isso eu acho bem bacana.

**Entrevistadores:** Pensando na interação em contextos *on-line*, hoje muito se fala a respeito de como a internet está presente na vida do homem e é essencial para a definição das relações em sociedade. De modo geral, como a senhora identifica as contribuições da Linguística para o entendimento da interação pela internet?

**Anna Bentes:** Temos uma série de estudos já desenvolvidos sobre a interação mediada por computador e, agora, a interação mediada pelas redes sociais, por meio dos chamados dispositivos móveis. Um estudo pioneiro foi feito por uma aluna minha, sobre os tuítes, em que foram observadas as funções textuais do gênero. Em 2012, ela observou perfis que divulgavam, por exemplo, simples registros do seu cotidiano e que eram admirados por isso. Naquela época, o Twitter era uma coisa mais calma, tranquila. De lá para cá, tivemos muitos outros estudos sobre os variados tipos de interação na *web*, tais como os estudos sobre comentários, os estudos sobre

as interações por WhatsApp, etc. Há um conjunto de estudos sobre certas práticas, especialmente levando em consideração quem fala, para quem fala e como fala. É um conjunto de princípios sociolinguísticos muito importantes que assumimos quando fazemos uma pesquisa para olhar as interações na *web*. Usamos também princípios textual-discursivos, especialmente quando pensamos como se dão as construções da comunicação pública, tais como aquelas produzidas por meio de *blogs*, *sites*, páginas de Facebook.

Eu diria que a Linguística tem contribuído e tem muito a contribuir para uma melhor compreensão das interações no universo digital, mas também muito a aprender. Por exemplo, há um livro publicado em 2014 por um antropólogo, Juliano Spyer, que observou como as classes socioeconomicamente desfavorecidas usavam as redes sociais e ficou conhecido como *Social Media in Emergent Brazil*. Quando ele fez o estudo de base etnográfica, categorizou interações, falando sobre gêneros e interações que ele chamou de *light on* (aquelas expostas, visíveis, públicas) e gêneros e interações *light off* (de interesse coletivo, mas que acontecem de forma privada). Ele categorizou práticas discursivas com uma intuição de um linguista.

Eu penso que as redes sociais, na base da *web*, propiciam modos de conhecer e de se dar a conhecer o outro e o mundo social pouco estudados por nós, tais como os discursos de ódio e a violência verbal. Recentemente, publiquei um texto com a professora Edwiges Morato em que fizemos uma análise da violência verbal notada em falas de Jair Bolsonaro. Também é interessante perceber que as redes sociais registram interações que antes não conseguíamos registrar. Na minha opinião, precisamos desenvolver metodologias para lidar com essas realidades, dado que já temos vários dispositivos analíticos dos quais podemos lançar mão.

**Entrevistadores:** Em suas últimas publicações, encontramos textos que abordam as expressões linguísticas de violência verbal. Pensando numa visão sociointeracionista e no contexto atual da sociedade brasileira, que importância estudos como esse têm assumido?

**Anna Bentes:** Eu acho que é muito interessante a gente pensar que o tema da violência verbal passa a existir no Brasil, para nós, linguistas, com mais intensidade, justamente a partir do governo Bolsonaro. A gente começa, então, a se dar conta da necessidade de mais análises sobre o fenômeno da violência verbal, da violência simbólica, do discurso de ódio. Nós estávamos um pouco atrasados, talvez por uma espécie de negação da nossa realidade extremamente violenta, que pressupõe violência verbal, que se executa na tentativa de destruição completa do outro. Nós sublimávamos, na minha opinião, esse tema, não fazendo tantas pesquisas sobre o assunto como a gente deveria.

Em 2012, escrevi um texto sobre oralidade e direitos humanos e tratei de uma discussão acerca da educação em um contexto de grande violência, relacionando as práticas orais com uma visão de que “educar para o oral, para os gêneros orais” tem que ter uma base de educação humanista. Hoje, estamos num grau de violência bastante complicado, e será um longo e árduo trabalho sair desse circuito de violência de todo tipo que nos foi imposto. Essa violência sempre existiu, mas não estava legitimada no grau em que ela se encontra legitimada hoje. Em outro texto meu, de 2018, falo sobre o tuítes de Donald Trump, sobre como, nos primeiros 30 dias de governo dele, ele basicamente atacava seus adversários, a mídia, mulheres.

Eu acho que a Linguística tem muito a dizer sobre isso. Nós precisamos falar bastante sobre essa questão e estabelecer uma relação entre os nossos objetivos de ensino e esses objetivos “civilizatórios”, para que possamos minimizar a violência verbal. Nós vemos o exemplo do Bolsonaro, que é acusado de atacar verbalmente jornalistas, principalmente jornalistas mulheres. Isso se espalhou, se propagou como prática. Creio que sejamos muito permissivos com tais atos. Precisamos estudar o porquê de as pessoas permitirem e não fazerem nenhum controle desse discurso violento, que sempre precede outros tipos de violência.

Nós, enquanto comunidade acadêmica, temos uma tarefa que é estudar essa violência verbal, como nós a naturalizamos, como essa naturalização tem a ver com certas práticas e com certos tipos de interação que estabelecemos com o outro.

**Entrevistadores:** Outro par que sempre encontramos nas pesquisas em Linguística é composto das noções de interação e cognição. De que maneira essas duas grandes noções têm se relacionado nos trabalhos acadêmicos atualmente?

**Anna Bentes:** O grande autor que joga luz sobre essa relação, no campo da sociolinguística, é John Gumperz. Ele diz que, para interagir, precisamos conhecer. Outro grande autor que vai tematizar essa relação é Van Dijk, para quem as interações dependem da cognição social. Uma perspectiva sociocognitiva é uma perspectiva que busca produzir uma melhor compreensão sobre as relações sociais constituindo a cognição, sobre nossa forma de conhecer o mundo e de interagir nele e com ele. Há categorias importantes que foram desenvolvidas para podermos entender essa relação entre interação e cognição, sendo uma delas a noção de estrutura de expectativa. Quando você vai para uma interação, entende mais ou menos as regras que regem aquele momento. Quando você tem menos conhecimento acerca disso, vai estrategicamente produzindo esse conhecimento no curso da interação, e isso vai fazendo com que se aja de determinada maneira.

Cognição significa o modo de conhecer e interação significa modo de agir (toda ação deriva de interação). Temos, então, essa inter-relação entre modos de conhecer e modos de agir. Essas duas maneiras de estarmos no mundo estão totalmente relacionadas entre si. Entretanto, a perspectiva sociocognitiva vai desenvolver teorias para dar conta de processos cognitivos tais como os processos inferenciais e/ou as bases inferenciais para que se possam produzir textos e para que seja possível ser compreendido em relação ao que se diz.

Esses conhecimentos são de natureza estratégica na interação, como afirmava a professora Ingedore. Sem um pensamento e um modo de agir estratégico, a raça humana não teria sobrevivido. Eu creio que cognição e interação estão irmanadas, mas vale lembrar que as diferentes teorias desenvolvem categorias e modos de apreensão com objetivos e valores cada vez mais especializados.

**Entrevistadores:** Sobre o ensino de língua, que contribuições as pesquisas em Linguística Textual a partir de uma perspectiva sociointeracional têm dado mais recentemente para o trabalho docente?

**Anna Bentes:** Eu penso que as pessoas que trabalham com o ensino de língua, especialmente de escrita, têm considerado bastante os princípios sociointeracionais. Há um conjunto de pesquisadores que trabalham muito com argumentação, que é um fenômeno interessante para situar os trabalhos sobre ensino de língua, já que os gêneros argumentativos são muito demandados, principalmente nas provas para universidades, mas também em outros contextos.

Então, os estudos de grupos que trabalham com argumentação são, eu creio, uma contribuição bastante importante, ao considerar a relação entre estudo de argumentação e ensino de língua, especialmente quando se fala de produção de diferentes gêneros. Já os estudos de natureza sociointeracional que observam a interação em sala de aula vêm se desenvolvendo muito sob o rótulo da questão da oralidade, que é uma espécie de grande tema, eu não diria uma modalidade, mas um guarda-chuva, sob o qual os estudos mais recentes no campo do texto e do gênero têm atuado bastante. Isso é interessante porque quanto mais nós conseguirmos dar conta da nossa oralidade de outras formas, pensando no que falei sobre a violência verbal também, melhor para nossa sociedade e para nossas relações.

Por fim, eu penso que a Linguística Textual tem tentado estabelecer uma relação forte entre texto e sociedade, compreendendo a produção textual como informada por relações sociais. Nesse sentido, vale a pena conferir as produções do GT de Linguística de Texto e Análise da

Conversação da ANPOLL. Eu acho que a Linguística Textual saiu de uma fase em que olhava muito os textos de forma a perceber a cooperação entre os interlocutores, para prestar atenção na importância do texto para o entendimento de relações sociais, das relações de poder.

Eu penso que a linguística brasileira é realmente muito interessante. Estamos sempre fazendo muitas coisas, inventando, descrevendo, analisando, tentando compreender a realidade linguístico-discursiva em que vivemos. Se formos falar do que falta, acho que seria uma visão mais culturalista, que talvez o campo dos estudos aplicados esteja desenvolvendo mais fortemente do que os estudos linguísticos. Creio que os estudos do texto têm contribuído bastante, mas ainda nos ressentimos bastante de uma visão socioculturalista, socioantropológica, um pouco menos ingênua das relações sociais e da função dos textos para a circulação dos discursos.